

Fichamento 8 - Capítulo 8 - Ellen Fernanda

Referência: CARONE, I.; NOGUEIRA, I. B. 8 Faíscas elétricas na imprensa brasileira: a questão racial em foco. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 1.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

- “Fizemos um álbum de recortes de notícias, artigos e comentários da imprensa brasileira sobre a questão racial na década de 1990, como meio de verificar e analisar o que se diz, o que se pensa e, sobretudo, o que se fantasia a respeito dos negros.” (p.186).
- “Apenas pudemos detectar, através das opiniões emitidas no cotidiano jornalístico com o intuito de formar e informar a opinião pública, alguns sintomas ou indicadores do grau de elaboração da questão racial, do ponto de vista daqueles que detêm o poder de informação da nossa e da própria sociedade.” (p.186).
- “Selecionamos da amostra colhida os seguintes assuntos:
 - Os que causaram grande polêmica na grande imprensa e revistas nacionais, com uma boa variedade de opiniões de articulistas nacionais e estrangeiros, tais como A curva do sino (The bell curve), a novela da Rede Globo intitulada Pátria minha e o multiculturalismo nos Estados Unidos da América do Norte;
 - A questão do branqueamento através de casos exemplares, tais como o do artista negro Michael Jackson;
 - A revolta dos negros em Los Angeles no ano de 1992.” (p.186)
 - “Por quem os sinos dobram?”
- Em 24 de outubro de 1994 foi iniciado um longo debate sobre um livro de autoria de Charles Murray e Richard Herrnstein, denominado The bell curve (1994). A revista Newsweek apresentou na sua capa dois perfis, o de um branco e o de um negro (muito semelhante ao de O.J. Simpson, atleta americano acusado de ter assassinado sua esposa e o suposto amante) com o título: IQ - A hard look at a controversial new book on race, class & success. Is it destiny? Logo em seguida, o jornalista e articulista da Folha de S. Paulo, Carlos Eduardo Lins da Silva, divulgou, no Brasil, as idéias básicas do livro e a convulsão provocada nas revistas Newsweek e The New Republic, bem como nos mais importantes diários e revistas dos Estados Unidos.” (p.186-7).
- “O assunto da relação entre inteligência e raça é muito antigo, embora os autores do livro The bell curve o tenham retomado como se fosse uma descoberta ou novidade científica.” (p.187)

- “O artigo de Geoffrey Cowley intitulado Testing the science of intelligence (Newsweek, 24/10/94) fez uma resenha comentada da história dos testes de quociente de inteligência, de 1575 a 1990, mostrando como é que eles serviram para tentativas de aplicação de políticas de eugenia pela esterilização de pessoas com baixo QI e criação concomitante de um banco de esperma de gênios” (p.187)
- “Em 1969, o psicólogo educacional da Universidade da Califórnia (Berkeley), Arthur Jensen, afirmou como conclusão de pesquisas que as diferenças raciais de quociente de inteligência eram 80% devidas à hereditariedade, e que a política de educação compensatória sustentada com dinheiro público tinha falhado, porque era impossível mudar os valores dos testes de QI das crianças desfavorecidas, particularmente das crianças negras. Em 1971, o psicólogo americano Richard Herrnstein afirmou que a situação socioeconômica de grupos étnicos estava vinculada a diferenças hereditárias quanto ao QI.” (p.187)
- “Certamente os argumentos ditos científicos sobre a desigualdade natural ou genética entre as raças, no que diz respeito ao grau de inteligência, não eram mais apresentados para favorecer as políticas de eugenia, mas sim para desacreditar os planos de ação afirmativa, financiados com os impostos pagos pelos cidadãos norte-americanos, para promover a ascensão social da população negra e a plenitude dos seus direitos democráticos.” (p.188)
- “Segundo o artigo de Tom Morganthau (Newsweek, 24/10/94), The bell curve consistia de em argumentos vinculados entre si. O primeiro, uma reinterpretação do conceito de classe social; o segundo e principal tema do livro dizia respeito ao papel da inteligência na posição socioeconômica dos grupos sociais e o terceiro culminava numa visão apocalíptica da sociedade americana atual destacando a importância crucial das habilidades intelectuais na determinação da riqueza, pobreza e status social.” (p.188)
- “As patologias sociais tais como a pobreza, a dependência da política do bem-estar social, criminalidade etc., estariam fortemente relacionadas com o baixo índice de inteligência. Segundo os autores, os negros constituíam o grupo social de mais baixas pontuações nos testes de QI e outras medidas de habilidade cognitiva.” (p.188)
- “A explicação dos autores é a de que tanto os baixos quanto os altos QIs são determinações genéticas, e que ambiente e educação compensadora pouco ou nada podem fazer para alterar esse quadro.” (p.189)

- “A revista Veja de 26 de outubro de 1994 lançou, na seção Ciência, a manchete: O livro da fúria -A curva normal ressuscita nos meios científicos a tese da superioridade dos brancos sobre os negros, enfatizando quatro pontos do conteúdo do livro:
 - Os negros são intelectualmente inferiores aos brancos e, por isso, menos vocacionados ao sucesso na vida;
 - Isso é determinado por vários fatores, mas o predominante é genético. Há pouco a fazer;
 - O governo não deveria gastar bilhões de dólares na manutenção de caríssimas escolas experimentais para negros e pobres. Elas não conseguirão elevar intelectos que a biologia comprometeu;
 - O correto seria investir no aprimoramento da “elite cognitiva”, majoritariamente caucasiana, abençoada por uma natureza superior.
- Apesar dessa apresentação sugerir uma postura contrária às idéias ditas científicas de Murray e Herrnstein, é impossível saber até que ponto a opinião da revista era de repúdio ou de propaganda das idéias contidas no livro” (p.189-190)
- “Por que os sinos de A curva do sino tocaram tão forte na imprensa brasileira? Por que tanto alvoroço num país que, até hoje, não manifestou qualquer interesse político em compensar a população negra ou reparar a dívida contraída com a escravidão colonial? Será que não soaram como um sinal de alerta dos brancos contra a possibilidade de movimentos negros levantarem a bandeira da reparação no Brasil?” (p.192)
- “No dia 7 de novembro várias entidades de ativistas negros reagiram à cena da novela, não só pelas expressões pejorativas que feriam a autoimagem do negro, mas também, e sobretudo, porque o personagem não foi mostrado como alguém capaz de reagir às ofensas, ou seja, foi mostrado como alguém que não possui consciência ou autoestima.” (p.192)
- “O editorial da Folha de S. Paulo de 8 de novembro defendeu o direito dos ativistas negros de protestar contra o racismo na televisão, dando maior visibilidade para o episódio, mas pontuou que parece ter havido por parte dos movimentos negros um açodamento ou pressa por não esperarem o desfecho das ações que certamente não incorreria numa apologia ao racismo. O editorial recorreu ao “bom-senso” para não ferir as iniciativas dos ativistas e simpatizantes, mas deixou também uma reticência no ar: por que não poderiam esperar um pouquinho mais para que a novela tomasse um rumo politicamente correto?” (p.193)

- Tanto sobre o "*The bell curve*" quanto sobre o episódio da novela os jornais se colocavam em condição apartidária, publicando para todos os gostos (mostrando os dois lados)
- "Outra novela, então, foi-se desenvolvendo na vida real: cronistas, articulistas e até mesmo escritores começaram a julgar a interferência dos ativistas negros na "criação artística" como coerção à liberdade que lhe é inerente." (p.194)
- "No dia 18 de dezembro, no caderno especial de domingo, em O Estado de S. Paulo, o escritor baiano Jorge Amado criticou "os radicais da negritude" por tentarem impedir a liberdade de criação artística: Existem grupos radicais que tentam impedir a liberdade de criação. São grupos racistas. Acerca destes radicais escrevi, na página 277 do livro *Navegação de cabotagem: os radicais da negritude nacional* são mulatos brasileiros, uns mais escuros, outros mais claros, cujo único ideal na vida é serem negros norte-americanos, de preferência ricos" (p.194)
- "A pressão exercida pelos movimentos negros, via imprensa, para a visibilização do racismo na novela *Pátria minha* foi, afinal, definida como "racismo às avessas". O pequeno espaço concedido aos negros na imprensa, por força das circunstâncias criadas pelo episódio novelesco, foi classificado como ação coercitiva à criatividade artística." (p.194-5)
- "E o multiculturalismo, o que é? Se nos basearmos exclusivamente na imprensa, o tema pareceu sempre estar relacionado com vários outros assuntos, sem que se saiba exatamente do que se trata: exigências de uma "esquerda cultural" que tem conseguido implantar, nas universidades e escolas de Ensino Médio, nos Estados Unidos, programas sobre as histórias e as culturas desligadas da tradição europeia ocidental; um "neosegregacionismo" agora autoimposto pelos segregados de ontem, ou seja, os negros; uma tentativa de reconstruir dados históricos sobre as minorias que sofreram opressão, em oposição às "grandes narrativas" ou "narrativas-mestras" impostas pela dominação branca nas Américas etc." (p.195)
- "Em suma, os autores parecem não admitir que a História, tal como a conhecemos nos currículos escolares, é a versão e/ou reconstrução dos fatos que dependem estritamente de quem diz. Por que os grupos étnicos não poderiam fazer uma história a contrapelo da história oficial? Como disse Angela Gilliam: Nos Estados Unidos, interpretações alternativas por parte de muitos grupos étnicos têm desafiado a narrativa-mestra, suscitando uma crítica rica e nova, tanto nas ciências sociais quanto na literatura de ficção e outras artes

[...] Esta nova tendência tem sido aceita por pouquíssimos integrantes da elite norteamericana porque ameaça o status quo. As demandas por novas narrativas têm sido taxadas tanto de extremistas quanto de exemplos do politicamente correto. O conceito ou rótulo “politicamente correto” nos Estados Unidos representa uma tática conservadora para banalizar e neutralizar as críticas que desafiam a narrativa-mestra (Folha de S. Paulo, 15/01/95).” (p.197)

Negros que desejaram ser brancos

- “O branqueamento pelas vias “naturais”, isto é, pela mestiçagem entre negros e brancos, é benquisto e bem-vindo no Brasil, ou seja, é considerado um valor cultural positivo por causa da importância por nós atribuída ao fenotipo ou aparência física na determinação do grupo étnico de pertença das pessoas. O caso de Michael Jackson, no entanto, de branqueamento artificial, teve aqui um efeito assustador.” (p.198)
- “O verdadeiro núcleo dessas matérias jornalísticas [sobre hidroquinona], no entanto, esteve concentrado nos elementos psicossociais que levaram essas mulheres a querer a pele mais clara: A cor da pele é uma doença que há tempo perturba a autoestima de muitos negros. O uso de cremes branqueadores é um dos seus sintomas. Nos anos 20, um jovem escritor negro, Wallace Thurman, mortificou a América do Norte com *The blacker the berry* (Quanto mais negra a amora), um romance sobre o preconceito que alguns negros alimentavam contra pessoas que eles viam como escuras demais. Décadas depois a escritora Awa Thiam, em *Black sisters speak out* (As irmãs negras se revelam) descreve o branqueamento artificial da pele como a doença negra da segunda metade do século XX (Folha de S. Paulo, 15/11/92).” (p.199)
- “O negro é visto como portador de uma doença, que ele próprio deve aprender a combater, que é a de querer ser ou aparentar ser como o branco. Lembrando as palavras de Arnaldo Antunes: por que o bronzeamento químico, que também acarreta lesões perigosas na pele, praticado por muitas mulheres que desejam uma aparência supostamente mais saudável e sensual, não é uma doença das mulheres brancas?” (p.199-200)

Los Angeles em chamas

“Veamos, então, os fatos relatados pelos jornais no período que vai do fim de abril a junho de 1992. Rodney King, um trabalhador negro da construção civil, foi detido em seu carro nas ruas de Los Angeles quando ultrapassou a velocidade permitida. Fugindo da perseguição policial por temer a volta à prisão, pois estava em liberdade condicional, acabou parando o carro e saiu com as mãos na cabeça, sem resistir às autoridades.

Um cinegrafista filmou a cena - de 81 segundos - mostrando King agachado e recebendo golpes de cassetete. A agressividade dos policiais, no entanto, não foi suficiente para que o júri do condado de Ventura incriminasse os quatro policiais brancos acusados de espancar R. King; além disso, o julgamento de um quinto policial (que deu 45 pancadas na vítima) foi adiado para 15 de maio de 1992.

- As circunstâncias do julgamento que incluíram a absolvição dos quatro policiais, a despeito do filme que foi mostrado e das mentiras dos policiais que alegaram desobediência e violência de R. King, geraram uma grande revolta da comunidade negra de Los Angeles que se manifestou através de um sem-número de ações: comícios, incêndios, saques, agressões etc. Nos bairros negros da região centrosul de Los Angeles, que cobrem 65 quilômetros quadrados, começou a revolta que se espalhou por várias partes da cidade e do país." (p.201)
- "Em 10 de maio de 1992 a Folha de S. Paulo apresentou uma entrevista do cineasta negro Spike Lee feita por um jornalista francês do Libération. Spike Lee fez um filme que se revelou profético, intitulado Faça a coisa certa (Do the right thing), sobre distúrbios raciais num subúrbio de Nova York. Disse que o filme foi inspirado em fatos reais porque já tinham aparecido situações nas quais negros foram vitimados e policiais absolvidos: É mais ou menos isso que acontece em Los Angeles. Neste caso, pela primeira vez, o crime foi gravado em vídeo [...]. Mas o governo e a justiça americana são cínicos e extremamente racistas. Tudo foi calculado para que os policiais não fossem condenados. A primeira coisa que fizeram foi transferir o processo de jurisdição de Los Angeles para Simi Valley. Em Simi Valley não há negros. Era impossível convocar negros para participar do júri [...]. O que este processo mostra é que na América os negros não podem confiar na Justiça: vejam a diferença de tratamento entre Mike Tyson e William Kennedy Smith. O segundo é um homem que hoje está livre, mas Tyson está preso (Folha de S. Paulo, 10/5/92, grifos nossos)." (p.202)
- "Em contrapartida, num artigo assinado por Xavier Raufer e François Haut, publicado no Jornal da Tarde (13/6/92), a "análise sociológica" correu em direção contrária: "Os crips e os bloods foram os principais artífices dos distúrbios de Los Angeles. Saldo: 58 mortos, 2.400 feridos, 12.000 detenções. E se esta forma de guerrilha espalhar-se para outras cidades do mundo?" Novamente foi atribuída aos negros de subúrbios a responsabilidade pela violência em Los Angeles e [...] no mundo: as gangues negras, os bandos de jovens marginais são considerados responsáveis reais (e virtuais) de fuzilamentos, incêndios, linchamentos e tráfico de drogas [...]" (p.203)

- “A que conclusões podemos chegar diante desse grande espelho da sociedade, que é a imprensa? Uma delas, a mais imediata, é a de que a questão racial é de natureza explosiva, mesmo quando as suas faíscas elétricas e as suas chamas súbitas são neutralizadas e contidas por um certo tempo, pois as suas causas continuam a existir onde sempre existiram: no preconceito e na discriminação. Mas, em definitivo, a repressão de um problema não é a sua supressão.” (p.204)
- “Outra conclusão é a de que a questão racial é representada como um problema ou uma doença dos negros, o que é, evidentemente, falso e ideológico: onde estão os escravizadores de ontem e os dominadores de hoje? Nesse sentido, o ponto de vista que prevalece na imprensa ainda hoje é o ponto de vista de quem goza de poderes na sociedade atual e culpabiliza a vítima da opressão.” (p.204)
- “Além do mais, parece que a questão racial ganha maior relevância jornalística quando os conflitos explodem fora do Brasil, ou seja, são não brasileiros. Parece que o subtexto é o de que vivemos numa verdadeira democracia racial.” (p.204)
- “Se lembrarmos, contudo, que as representações sociais vão se afirmando, reafirmando e confirmando através do que lemos e ouvimos sem o trabalho da análise e da reflexão, então a vida curta e fugaz da informação jornalística se torna algo que merece a nossa atenção permanente.” (p.204-5)